

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO CONTEXTO DAS AULAS REMOTAS: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA FRANCISCA HELENA DE MOURA, ALTO ALEGRE - RR

DOI: <https://doi.org/10.24979/yaxx3461>

Glaucielly Garcia Cruz (<https://orcid.org/0000-0001-7403-2310>)
Orlene Costa Cruz (<https://orcid.org/0000-0003-4492-4021>)
Carmem Véra Nunes Spotti (<https://orcid.org/0000-0003-4102-9726>)
Sérgio Luiz Lopes (<https://orcid.org/0000-0001-8802-7897>)

RESUMO: Os marcos cronológicos da luta dos povos indígenas dão evidências sobre a legalidade histórica cultural da escola indígena, marcados pelas formas de encarar e superar as dificuldades educacionais impostas ao seu tempo, tendo que adaptar-se aos novos modos de funcionamento e novas exigências. Frente à crise da pandemia mundial, a introdução das tecnologias digitais trouxe muitos problemas, sobretudo na educação escolar indígena. Diante de um cenário onde a pandemia modificou os protocolos educacionais, o presente artigo teve o objetivo de verificar como foi executado o ensino remoto e o uso das tecnologias digitais na Escola Municipal Indígena Francisca Helena de Moura, Alto Alegre - RR. Sendo assim, a problemática que norteou o artigo partiu da seguinte indagação: Como a Escola Municipal Indígena Francisca Helena de Moura fez uso das tecnologias digitais para atender o processo de ensino aprendizagem durante o ensino remoto? Para a realização do trabalho usou-se a metodologia de levantamento bibliográfico feito com o aprofundamento teórico da educação escolar indígena e um estudo de campo na Escola Municipal Indígena Francisca Helena de Moura da comunidade Raimundão I por meio da aplicação de questionário e entrevista para captar explicações e interpretações acerca do problema levantado. Os resultados encontrados mostram que a questão da estrutura escolar, falta de livros especializados e outros aspectos levantados no trabalho reforçam o descaso com a educação e com os povos indígenas. E por conta da pandemia, a gestão escolar construiu coletivamente alternativas dentro da realidade da comunidade para implantar um ensino remoto adaptado. Conclui-se que é necessário que a educação escolar indígena faça a inclusão das tecnologias digitais a esses povos, valorize uma educação bilíngue, discuta sobre os problemas sociais do grupo e esteja pautada numa educação específica e especializa para contribuir na autonomia desses povos, formar cidadãos críticos e atuantes, capazes de interagir entre os membros de sua comunidade e na sociedade.

palavras-chave: Educação do Campo. Educação escolar indígena. Tecnologias digitais. Aulas remotas.

ABSTRACT: The chronological milestones of the indigenous peoples' struggle provide evidence of the historical and cultural legality of the indigenous school, marked by the ways of facing and overcoming the educational difficulties imposed on their time, having to adapt to new modes of operation and new requirements. Faced with the global pandemic crisis, the introduction of digital technologies brought many problems, especially in indigenous school education. Faced with a scenario where the pandemic has modified educational protocols, this article aims to verify how remote teaching and the use of digital technologies were carried out at the Francisca Helena de Moura Municipal Indigenous School, Alto Alegre - RR. Therefore, the problem that guides the article is based on the following question: How did the Municipal Indigenous School Francisca Helena de Moura make use of digital technologies to meet the teaching-learning process during remote teaching? To carry out the work, a bibliographical survey methodology was used, with a theoretical deepening of indigenous school education and a field study at the Francisca Helena de Moura Municipal Indigenous School in the Raimundão I community, through the application of a

questionnaire and an interview to capture explanations. and interpretations about the problem raised. The results found show that the issue of school structure, lack of specialized books and other aspects raised in the work reinforce the disregard for education and indigenous peoples. And due to the pandemic, school management collectively built alternatives within the reality of the community to implement adapted remote teaching. It is concluded that it is necessary for indigenous school education to include digital technologies for these peoples, value bilingual education, discuss the social problems of the group, and be based on a specific and specialized education to contribute to the autonomy of these peoples, train critical and active citizens, able to interact among members of their community and in society.

Key-words: Field Education. Indigenous school education. Digital technologies. Remote classes.

INTRODUÇÃO

Devido às transformações estruturais de institucionalização da Educação por parte dos Estados e dos diferentes paradigmas científicos, e fazendo-se a necessidade de metodologias e estratégias diferentes, as ciências da educação têm evoluído ao longo dos séculos. Com a evolução em momentos e realidades distintas, novas temáticas surgem no campo educacional expandindo as fronteiras do conhecimento (Mendes e Senhoras, 2021a).

Os diferentes processos da aplicação da educação para a construção do conhecimento tem perpassado todos os espaços e está inserida na atividade social e histórica da vida humana tanto na cidade como no campo (Delizoicov, Angotti e Pernambuco, 2011).

A Educação do Campo tem se estabelecido como uma categoria de análise de práticas e políticas de educação voltadas aos trabalhadores do campo, camponeses, quilombolas, indígenas, destinando-se ao atendimento às populações rurais em suas mais variadas formas de produção da vida (Caldart et al., 2012; Brasil, 2008).

Dentro da educação do campo está inserida a educação indígena que vem sendo discutida cada vez mais e com isso enfatizando a pluralidade cultural, relevante para a construção da comunidade e da escola indígena pautada nos saberes e conhecimentos tradicionais (Mendes e Senhoras, 2021a).

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas - RCNEI, a escola indígena é um espaço de produção, criação e recriação dos saberes, conhecimentos e valorização da cultura, possibilitando uma educação de qualidade com oportunidade de acesso e aprendizagem que os demais (Brasil, 1998a).

É necessário ressaltar que a situação histórica dos povos indígenas tem marcas de muita discriminação, preconceito e cerceamento de direitos. Mendonça e Oliveira (2021) explicam que os territórios e as próprias comunidades indígenas foram encurraladas tanto física quanto culturalmente e que as legislações apresentam papel fundamental para modificar o descaso e preconceito existente até hoje.

Com a Constituição Federal de 1988, as políticas educacionais indígenas foram reforçadas, sendo mencionado no artigo 210 o respeito aos valores culturais e, no inciso 2.º, a garantia às comunidades indígenas sobre a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem (Brasil, 1988b). Posteriormente, a Lei de Diretrizes e Bases - LDB foi publicada e fortaleceu em vários artigos a importância de uma educação diversificada:

Art. 78 - Oferta de educação escolar bilíngüe e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos: I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências; II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias;

Art. 79 - A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

§ 2º- Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos: Fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena; Manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas; Desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades; - Elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado (Brasil, p.34, 1996).

Conforme artigo 78.º e 79.º da LDB, a educação escolar indígena vem trazendo garantias da valorização da língua e de toda a sua cultura fortalecendo suas especificidades e ampliando sua visão e lugar no mundo.

Juntamente com a LDB surgiram outras leis, resoluções, decretos, portarias e planos específicos a respeito da educação indígena garantido uma educação diferenciada. A educação escolar indígena surge como uma forma de suprir as necessidades da alfabetização, saberes técnicos e científicos, de conhecimentos não-indígenas e indígenas por meio da escola através de diálogos permanentes com os povos indígenas (Senhoras, 2021).

Os marcos cronológicos dão evidências sobre a legalidade histórica cultural da escola indígena, os quais são marcados pelas formas de encarar e superar as dificuldades educacionais impostas ao seu tempo, tendo que adaptar-se aos novos modos de funcionamento e novas exigências (Mendes e Senhoras, 2021b).

Uma das mudanças que atualmente está em evidência é a adaptação do processo ensino-aprendizagem com o uso de ferramentas tecnológicas. No contexto escolar indígena, a introdução das tecnologias digitais são muito desafiadoras, principalmente no que diz respeito à internet. No entanto, considerando a crise da pandemia mundial, o sistema educacional precisou adotar

metodologia de ensino remoto para dar prosseguimento ao ano letivo, interrompido abruptamente (Cavalcante e Borges, 2021).

Para efetivação deste trabalho, o uso das Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC) foram inseridas nas escolas e com elas as dificuldades de manuseio e necessidade de aprimoramento, capacitação e qualificação dos professores (Mendes e Senhoras, 2021a).

Conforme relata Senhoras (2021), o uso das tecnologias no contexto educacional indígena requereu novos hábitos, uma gestão precisa e ágil da informação, ressignificando o conhecimento a todo momento. A autora destaca que o que era limitado a alguns, tornou-se global através dos meios digitais.

Com o advento da metodologia remota, por conta da pandemia de COVID-19⁸, muitas fragilidades foram reveladas em relação ao processo de ensino e aprendizagem, como o despreparo docente no domínio em ferramentas tecnológicas, a falta de investimentos escolares e na formação dos educadores. Tudo isso refletiu para que a ampliação do conhecimento e o acesso ao ensino fosse prejudicada.

Os impactos negativos da pandemia se manifestaram, também, na educação e no ensino, revelando problemas estruturais de acesso e a falta de investimentos políticos educacionais que atendam à realidade, sobretudo, na educação indígena.

Refletindo sobre o exposto, a pesquisa justifica-se por ser uma temática atual, que mede os prejuízos causados pela pandemia e que merece atenção no meio educacional, uma vez que o professor precisou adequar sua metodologia, os conteúdos e sua forma de trabalho. Todas essas mudanças precisaram ocorrer para que se pudesse atender às necessidades dos educandos e do professor, para que o processo pedagógico fosse efetivado com base na realidade onde atuam sujeitos históricos que possuem culturas singulares, diferentes, mas não inferior dos demais sujeitos.

Por conseguinte, o artigo propõe compreender as ações tomadas por uma escola indígena do município de Alto Alegre - RR durante o período de ensino remoto. Devido à relevância do assunto, faz-se necessário entender como as mudanças no campo educacional alteraram o processo de ensino aprendizagem na educação escolar indígena.

Frente a um cenário onde a pandemia modificou todos os protocolos educacionais, o presente artigo tem o objetivo de Analisar como foi executado o ensino remoto e o uso das tecnologias digitais na Escola Municipal Indígena Francisca Helena de Moura, Alto Alegre - RR. E como objetivos específicos: 1. Aplicar questionário aos professores e entrevista ao gestor da escola; 2. Identificar os recursos tecnológicos utilizados pelos professores ao ministrar as aulas no período do ensino remoto

⁸ Covid-19: Infecção respiratória aguda causada pelo vírus SARS-CoV-2 (Paho, 2022). No texto, mais adiante, outras informações sobre o covid serão abordadas.

e 3. Verificar os aspectos positivos e negativos da aplicação das atividades realizadas pelos professores durante o ensino remoto emergencial.

Sendo assim, o problema que norteia o presente artigo parte da seguinte indagação: Como a Escola Municipal Indígena Francisca Helena de Moura, Alto Alegre – RR, fez uso das tecnologias digitais para atender o processo de ensino aprendizagem durante o período das aulas remotas?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO PANDÊMICO

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 99,3% das escolas brasileiras suspenderam as atividades presenciais ao longo do ano de 2020 devido à pandemia de COVID-19 (Inep, 2022).

Com a suspensão das aulas a educação precisou se reinventar e embora a sociedade acadêmica já estivesse conectada ao mundo digital, nem todos os estudantes tinham acesso a esse recurso. Apesar disso, o uso das tecnologias e plataformas digitais surgiram como possibilidades para mediar a aprendizagem como alternativa de não suspensão das aulas (Junior e Monteiro, 2020).

A inclusão de estudantes e professores em plataformas digitais, o uso de materiais e tecnologias de ensino e a distribuição de dispositivos para melhoria da conectividade das pessoas foram umas das mudanças que ocorrem no âmbito educacional pandêmico (Unesco, 2022; Opas, 2022).

O ensino remoto apresentou potencialidades e desafios dentre todos os sujeitos envolvidos. Esta metodologia de ensino inseriu o professor e o aluno em relação direta com recursos tecnológicos, o que requereu novos protocolos éticos (Garcia *et al.*, 2020).

ENSINO REMOTO

Um termo bastante utilizado durante a pandemia foi a palavra 'remota'. Esta palavra refere-se ao distanciamento geográfico existente entre um determinado ponto. No contexto educacional, o ensino remoto é definido como uma metodologia de ensino ou aula pressuposta pelo distanciamento geográfico entre professores e alunos (Moreira e Schlemmer, 2020).

O Ensino Remoto Emergencial - ERE, aplicado como estratégia temporária, foi a alternativa utilizada para a substituição das aulas presenciais e a continuidade da mesma, mas em modo *online* (Oliveira; Corrêa; Morés, 2020).

Em função do distanciamento social provocado pela pandemia, o ensino presencial físico foi transposto para os meios digitais, caracterizando-se exclusivamente pelo uso de tecnologias digitais,

onde as aulas eram organizados por vídeo-aulas ou aulas expositivas por sistemas de videoconferência em salas de aulas digitais (Moreira e Schlemmer, 2020).

Com a metodologia de ensino modificada de forma emergencialmente, competências e habilidades precisaram ser formadas tanto por professores quanto por alunos. A exigência de um ambiente digital amplificou o uso de ferramentas digitais de rede, como salas de aula virtuais (a exemplo o *Google* ou *Google Classroom*) e o uso de plataformas como o *Youtube*, *Meet*, ferramentas *Google*, formulários, *Drives* e etc (Oliveira; Corrêa; Morés, 2020).

As aulas *online* foram executadas com o uso de computadores ou smartphones com o uso de conexão de internet. Diante de aspectos sociais e econômicos distintos, muitos alunos e professores não possuíam aparatos digitais, nem internet de qualidade para o desenvolvimento das atividades (Oliveira; Corrêa; Morés, 2020; Souza e Miranda, 2020).

Com a ruptura do processo educacional, os recursos tecnológicos foram bastante explorados, bem como novas formas e metodologias de passar o conteúdo. Para Souza e Miranda (2020), as fragilidades do sistema educacional foram evidenciadas com a pandemia e muitos desafios foram relatados, como a falta de internet, de aparelhos tecnológicos, recursos digitais efetivos e a falta de domínio com as ferramentas.

Segundo estudo de Moreira e Schlemmer (2020), a educação digital faz parte de um novo ecossistema educativo que ressignifica os processos de ensino e de aprendizagem. Embora este tipo de educação associe-se a uma racionalidade tecnológica, ela reflete a multiplicidade de características que o processo educacional possui.

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E AS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

No que se refere a educação escolar indígena, atualmente o contexto educacional não reflete as necessidades reais destes povos. Uns dos pontos controversos dizem respeito à matriz curricular que não atende às especificidades dos povos indígenas, uma metodologia sobreposta à cultura tradicional e a falta de um trabalho intercultural e interdisciplinar, aumentando as dificuldades de aprendizagem destes alunos (Mendes e Senhoras, 2021).

Os problemas já existentes sobre a educação escolar indígena foram reforçados com a introdução do ensino remoto. O ensino remoto e o uso de tecnologias digitais foram muito mais desafiadores para as escolas indígenas comumente localizadas nas áreas rurais. Os desafios da inclusão digital no contexto da educação indígena somado à pandemia, isolamento social e ensino à distância trouxeram problemas incalculáveis no avanço da educação destes sujeitos (Gomes e Gomes, 2020).

De acordo com Mendes e Senhoras (2021), localidades de difícil acesso como comunidades indígenas precisaram adaptar as metodologias de ensino, como a distribuição de uso de material impresso, uso de aplicativos e plataformas de ensino *online*. Ficou clara a existência da grande distância entre investimentos educacionais e tecnológicos entre as escolas da cidade e da área rural, sobretudo nas escolas indígenas (Fialho, Santos e Nascimento, 2021).

Durante a aplicação da metodologia de ensino remoto, as principais dificuldades relatadas por professores de escolas indígenas foram: a falta de internet, internet sem qualidade, material didático escasso, material indisponível, dificuldade na montagem das aulas práticas e dos vídeos, dificuldade na escolha do material a ser trabalhado, dificuldades de passar o conteúdo de forma virtual (Silva, 2022; Mendes e Senhoras, 2021; Fialho, Santos e Nascimento, 2021; Ferro et al., 2020).

Fatores como internet ruim nas comunidades, a falta de recursos tecnológicos na escola e smartphones, a falta de interação com os alunos e a dificuldades para realização das atividades foram os maiores empecilhos para o desenvolvimento do ensino remoto emergencial nas escolas indígenas (Silva, 2022; Mendes e Senhoras, 2021).

Independentemente dos problemas relatados pela falta de acessibilidade digital, o uso das tecnologias digitais é extremamente importante. No contexto escolar o uso de ferramentas digitais é indispensável facilitando serviços, aulas, novas metodologias de ensino e uso de plataformas de ensino aprendizagem (Gomes e Gomes, 2020). Para Silva (2022), a gestão escolar, os professores e os alunos precisam superar os desafios existentes e incluir métodos significativos e condizentes com a realidade da sua comunidade.

Embora o uso de tecnologias nas escolas indígenas tenha apresentado muitas dificuldades no quesito habilidades/competências e acessibilidade ao ensino, o uso dessas ferramentas nas comunidades promove a inclusão digital dos sujeitos. Para Götzke et al. (2019), o uso das tecnologias vai muito além que uma forma de ensino, contribuindo para o acesso e registro da informação.

Senhoras (2021) esclarece que para a inclusão educacional acontecer fazendo-se o uso das tecnologias é preciso, além de acesso físico e infraestrutura tecnológica, ter um ambiente com suporte técnico adequado e, ainda assim, haver uma formação de qualidade para os professores indígenas para os mesmos preparem as comunidades para as mudanças.

Além disso, o processo educacional indígena inclusivo precisa considerar as especificidades do seu povo e oferecer condições mínimas para que o desenvolvimento educacional ocorra. Ferro et al. (2020) esclarecem que um formato educacional que não contemple a todos e que não ofereça boas condições para o processo ensino-aprendizagem traz pouca significância para os sujeitos que aprendem.

É necessário evidenciar a necessidade de medidas mitigatórias das desigualdades entre estrutura, ensino e metodologias das escolas urbanas e escolas rurais e a democratização do acesso e uso das tecnologias, em particular nas escolas indígenas (Costa et al., 2022). Para os autores, a ausência de políticas públicas sérias implica diretamente na qualidade de ensino dos indígenas, principalmente se precisar recorrer a métodos que utilizem internet e tecnologias de comunicação.

O debate sobre exclusão social precisa ser mais recorrente nas políticas educacionais, pois a exclusão afeta diretamente na desigualdade, nas condições de participação efetiva da comunidade e na ampliação das políticas públicas que contemplem as demandas reais da comunidade (Costa et al., 2022).

É preciso desmistificar que o uso das tecnologias não é sinônimo de perda das características e da identidade de um povo. Götzke et al. (2019) esclarece que o acesso à tecnologia não significa abandonar a cultura indígena, mas sim apropriar-se da tecnologia para propagar o conhecimento tradicional e adaptar-se, reinventar-se sem perder a essência. Isso significa que os povos indígenas também têm direito ao acesso à informação da rede, ao acesso às novas ferramentas digitais e fazer o uso das ferramentas dentro do seu contexto.

METODOLOGIA

TIPO DE PESQUISA

A metodologia deste artigo teve finalidade básica para ampliação do conhecimento do tema, possuindo caráter descritivo e exploratório com abordagem quali quantitativa da análise de opiniões no contexto da educação do campo em tempos de pandemia.

Com a aplicação de questionário, a análise dos dados teve dois enfoques: quantitativo (com uso de dados numéricos, cálculo de taxas de porcentagem e elaboração de gráfico) e qualitativo (análise e interpretação de dados que possuem aspectos mais profundos para descrição da complexidade do comportamento, atitudes e tendências) (Lakatos e Marconi, 1996).

O procedimento metodológico aplicado foi feito a partir de duas maneiras: análise documental (a partir de documentos oficiais) e do levantamento de dados primários (a partir da aplicação de questionário e entrevista).

ABORDAGEM

A abordagem utilizada foi de levantamento bibliográfico feito com o aprofundamento teórico da educação escolar indígena, utilizando-se referências embasadas em livros, experiências profissionais e publicações especializadas em artigos científicos (Gil, 2019; Marconi e Lakatos, 2017).

Além disso, foi feito um estudo de campo caracterizado pela investigação, somado às pesquisas bibliográficas e documentais. O estudo de campo foi focalizado em uma comunidade indígena, utilizando-se a aplicação de questionário e entrevista para captar explicações e interpretações acerca do problema levantado (Gil, 2002; Marconi e Lakatos, 2003; Gerhardt e Silveira, 2009).

LOCUS DA PESQUISA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA FRANCISCA HELENA DE MOURA

A Escola municipal Indígena Francisca Helena de Moura é uma unidade escolar pública localizada na Comunidade Indígena Raimundão I, s/n, no município de Alto Alegre, do Estado de Roraima. A Comunidade Indígena Raimundão I, localiza-se no interior do Estado, há 15 quilômetros da sede do município Alto Alegre, e aproximadamente 95 quilômetros da Capital Boa Vista. Fundada sob a lei nº 279, de 28 de agosto de 1856, possui uma área de aproximadamente 4.260 km², com população aproximada de 480 habitantes.

A comunidade é composta pelos povos Macuxi e Wapichana, e tem como religiões predominantes a católica e protestante. É liderada por um Tuxaua escolhido democraticamente pelos moradores da comunidade. Suas atividades de lazer consistem na prática de esportes e festas tradicionais, e quanto aos costumes ainda se predomina a prática de caça, pesca, agricultura familiar e confecção de artesanatos. A comunidade onde a escola está inserida dispõe de meios de comunicação, como: celular, rádio e televisão. O acesso à escola é por via terrestre por meio de bicicletas, motocicletas e a pé.

PÚBLICO ALVO E O PERÍODO DA PESQUISA

O público alvo do estudo foram os professores da escola municipal indígena Francisca Helena de Moura e 1 gestor da escola. O período da pesquisa foi no mês de outubro de 2022, quando aplicados os questionários e entrevistas.

PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIO

Foi realizada coleta de informações e opiniões a partir de questionário elaborado no *Google Forms* e compartilhado pelo aplicativo de comunicação *Whatsapp*. O questionário possuiu 27 perguntas, sendo 05 perguntas fechadas e 22 abertas (Apêndice 01). De acordo com Marconi e Lakatos (2003), as perguntas abertas são de livre resposta e emissão de opiniões, já as perguntas fechadas são limitadas a alternativas fixas em que é possível escolher a resposta, a partir de uma série de possíveis respostas.

O questionário só foi aplicado aos professores e ao gestor da escola após ser analisado e autorizado pelo tuxaua da comunidade. O uso do questionário possibilitou o desenvolvimento da pesquisa, pois "é um importante instrumento na obtenção de informações, de fácil manejo, na padronização dos dados e modelo de fácil aplicação" (Chaer; Diniz; Ribeiro, p. 264, 2011).

Para a análise dos dados, foi feita a tabulação dos dados coletados no Excel para gerar gráficos, bem como da aplicação de cálculos estatísticos (porcentagens e médias) para estabelecer os esquemas básicos de análise e relação dos resultados encontrados com os existentes na literatura.

ENTREVISTA COM O GESTOR

A partir de perguntas estruturadas, foi feita uma entrevista com o gestor da escola a fim de levantar pontos importantes sobre sua atuação na escola, as dificuldades da educação escolar indígena, etc. As perguntas foram:

- ✓ Qual é a diferença entre a sala de aula de uma comunidade indígena e a de uma cidade? Como é sua rotina?;
- ✓ De que maneira a educação indígena contribui para a valorização dos povos indígenas da comunidade Raimundão I?;
- ✓ Quais são as dificuldades enfrentadas no processo de educação escolar indígena?
- ✓ Quais foram as maiores dificuldades com a aplicação do ensino remoto (tanto do professor quanto do aluno)?
- ✓ Que recursos tecnológicos foram usados durante as aulas remotas?
- ✓ O uso das tecnologias digitais supriram as necessidades impostas pelo ensino remoto?
- ✓ Os professores tiveram condições de acesso às tecnologias digitais durante o processo de ensino-aprendizagem?
- ✓ Como a escola apresentou suporte àqueles alunos que não possuíam acesso às tecnologias digitais?

Ao final do levantamento das informações, as respostas da entrevista foram transcritas no presente artigo.

RESULTADOS

CARACTERÍSTICAS DA COMUNIDADE ESCOLAR

A Comunidade Escolar é caracterizada em sua maioria por famílias com renda familiar que oscila de meio a um salário mínimo, sendo parte dessa renda oriunda de benefícios do Governo Federal. As moradias são basicamente construções de madeira, barro e cobertura de palha ou telhas

em sua maioria; a base alimentar na comunidade é composto por produtos oriundos da natureza, criações domésticas e da compra de carne bovina, suína e aves na sede do município.

Existe uma preocupação em criar formas de economia autossustentável através da criação de uma cooperativa que gira e movimenta os recursos financeiros gerados dos serviços da agricultura ou piscicultura no intuito de melhorar a qualidade de vida de todos.

A escolaridade dos pais e irmãos varia do analfabetismo ao ensino médio, sendo que a grande maioria não concluiu o ensino fundamental, pois os mesmos trabalham em conjunto para o sustento de suas famílias. No passado, devido à falta de acesso ao ensino na comunidade, muitos não chegaram a ser alfabetizados ou concluir a educação básica.

ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA FRANCISCA HELENA DE MOURA

A Escola Municipal Indígena Francisca Helena de Moura foi criada em 07 de janeiro de 2008, pelo decreto de nº 199/2015, e sua denominação foi em homenagem a uma antiga moradora da comunidade, nascida nesta mesma região, que foi juntamente com os seus familiares, uma das primeiras moradoras da comunidade. Anteriormente a Escola recebeu outras denominações: Sebastião Domingos dos Santos Lima e Honorato Alves dos Reis, até o ano de 2005.

A escola funciona em turno matutino, com 04 salas de aula, sendo duas turmas de creche e duas turmas de educação Infantil, atendendo uma clientela de 65 alunos regularmente matriculados (faixa etária de 02 a 05 anos). A escola conta com 12 funcionários, entre eles: gestor, coordenadora pedagógica, professores, assistente de aluno, vigia, merendeira e zelador.

A principal missão da escola é oferecer uma educação fundamentada na tradição indígena, cuidando e educando crianças com prazer e seriedade, favorecendo o despertar de seu potencial a partir de ações educativas que possibilitem a formação de cidadãos críticos e responsáveis, cientes de seus deveres e direitos, promovendo o respeito às diversidades culturais.

Os principais objetivos estratégicos da escola são: 1. Criar condições para que todas as crianças desenvolvam suas capacidades e aprendam os passos necessários para a vida em sociedade; 2. Desenvolver no aluno indígena o reconhecimento e a valorização da sua identidade; 3. Garantir um maior envolvimento dos pais nas atividades escolares.

ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

Entre os dias 13 a 20 de outubro o questionário do *google forms* ficou disponível para que os professores que quisessem participar do estudo, respondessem às perguntas. Foram obtidos 03 questionários respondidos, sendo 02 de professores e 01 do gestor. Também foi compartilhado com os participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido informando sobre o que se trata o trabalho e o compromisso de confidencialidade (Apêndice 02).

A idade dos participantes variou entre 30 a 43 anos, possuem graduação (01 participante não quis responder) e apenas 1 deles não é indígena (os outros dois são da etnia Macuxi). O povo Macuxi habita o norte e noroeste do Estado de Roraima, predominantes dos municípios de Alto Alegre, Bonfim, Normandia e Pacaraima. A educação desses povos baseia-se na preservação e valorização da cultura, tendo como corpo docente indígenas da própria comunidade (Mandulão et al., 2012).

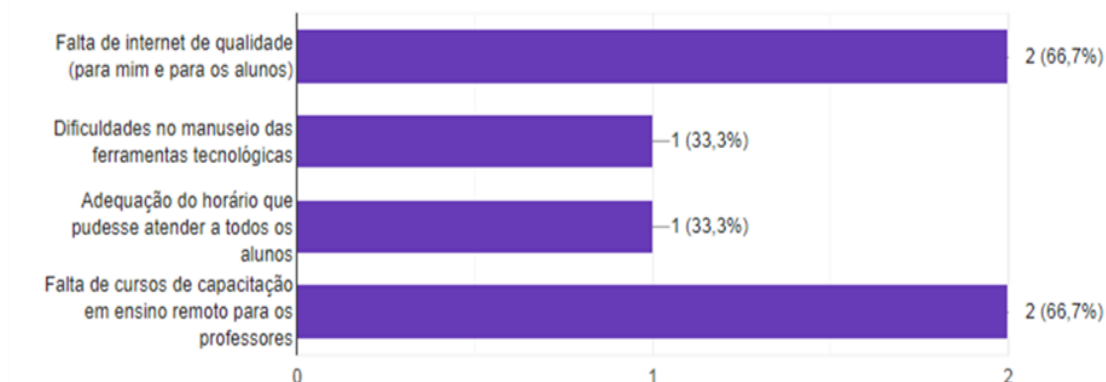
A escola possui 12 funcionários (gestor, coordenador, docente, assistente, responsável pela cozinha, vigia e zelador). Nem todos os funcionários pertencem à comunidade indígena, mas os que são, são da etnia Macuxi e Wapichana. Estas duas etnias, de acordo com Mandulão et al. (2012) já foram rivais, mas devido à pacificidade dos povos Wapichana e sua relação com os não índios apresenta uma mistura de traços com a cultura Macuxi e da cultura hegemônica dos não índios. A unificação desses povos trouxe muitos benefícios para a comunidade indígena em relação às suas lutas.

Na escola são atendidos alunos apenas de uma comunidade indígena, a comunidade Raimundão I, e o material didático usado na escola são livros. Embora a escola não seja um prédio de alvenaria, a mesma possui sala de aula, banheiro, biblioteca, secretaria, diretoria, água encanada, energia, refeitório, cadeiras, mesas, lousas e possui internet na comunidade. Conforme as respostas dos questionários, o último curso de formação continuada feito pelos professores da escola ocorreu em outubro de 2022.

Questionados sobre como a pandemia afetou a educação escolar indígena na Comunidade Raimundão I, as respostas foram que a aprendizagem dos alunos ficou bastante afetada e:

Durante a Pandemia, as aulas foram com atividades não presenciais, xerocadas e entregues em cada domicílio. Os professores praticamente não tiveram contato com os alunos e familiares, foi uma mudança muito drástica no processo de ensino aprendizagem.

Perguntados sobre as dificuldades encontradas durante o ensino remoto, a maioria declarou a falta de internet de qualidade tanto para os professores quanto para os alunos e a falta de curso de capacitação em ensino remoto (Figura 2). Este fator foi uma realidade coletiva, prejudicando o andamento das atividades remotas e a aprendizagem dos alunos (Ribeiro e Souza, 2022; Negrão et al., 2022). Para Negrão et al. (2022), a ausência da formação continuada limita o trabalho dos professores, principalmente quando a formação dá possibilidades para ampliar as habilidades relacionadas às tecnologias digitais.

Gráfico 1 - Percentual das dificuldades encontradas durante o ensino remoto

Fonte: Dados extraídos do questionário.

Evidenciou-se que a escola usou recursos tecnológicos, mas que foi difícil se adaptar a estes recursos durante as aulas remotas. Dois respondentes indicaram que o uso das tecnologias na escola supriram as necessidades dos estudantes e apenas um disse que não. Negrão et al. (2022) explica que devido às adequações do ensino terem ocorrido de forma súbita, professores não tiveram tempo para ter treinamento, nem aprender o ensino mediado por tecnologias.

As ferramentas mais utilizadas pelos professores durante o ensino remoto foram atividades xerocadas devido a praticidade de se levar as tarefas durante o isolamento social dos alunos. De maneira semelhante, os recursos avaliativos usados foram de atividades escritas. Em contrapartida, os recursos normalmente utilizados na educação indígena são as atividades no caderno, material xerocado, atividades práticas, aulas expositivas e o uso da lousa. Neto e Mendes (2014) explicam a necessidade de se rediscutir o espaço educacional, infraestrutura, equipamentos e comunidade para construir novas possibilidades na educação.

Um dos aspectos citados como negativos foram as dificuldades e desafios impostos pela metodologia remota e a falta de acompanhamento dos pais na aprendizagem dos alunos. Além disso, os respondentes mencionaram que as maiores dificuldades que a escola apresenta para ter uma educação indígena de qualidade é a falta de aquisição de materiais didáticos, livros infantis, capacitação para os funcionários e uma quadra poliesportiva. Para Santos (2018), ainda existem muitos desafios para uma educação escolar indígena ser de qualidade e para isso é necessário priorizar o básico e proporcionar condições dignas de ensino.

Sobre como as tecnologias educacionais podem contribuir para a melhoria do ensino na educação indígena, ressalta-se a importância da internet para melhorar o planejamento das aulas e o uso desta ferramenta amplia o acesso a outras culturas indígenas. Ou seja, apropriar-se das

tecnologias beneficia tanto o acesso à informação quanto à validação da cultura indígena a outros povos (Götzke et al., 2019).

Sobre a língua que as aulas são ministradas, é o macuxi, além do português utilizado na escola. Isso demonstra que o que diz no artigo 210, inciso 2.º da Constituição Federal, está sendo seguido (Brasil, 1988b).

ANÁLISE DA ENTREVISTA

Em entrevista realizada com o gestor da escola, no dia 20 de outubro de 2022, foram feitas perguntas para entender as especificidades da educação escolar indígena e como foi executado o ensino remoto na Comunidade Raimundão I.

Inicialmente foi feita uma pergunta para tentar entender qual a visão do gestor sobre qual a diferença entre a sala de aula de uma comunidade indígena e a de uma cidade? Como é essa rotina?:

Gestor - Na comunidade indígena, área indígena, nas escolas indígenas, pelo menos aqui na minha realidade, na escola municipal quanto estadual, a diferença começa pela clientela dos alunos. São alunos mais comportados, que tem uma educação diferente. São muito tranquilos, às vezes é tranquilo até demais. Pelo menos eu, na minha condição de professor, gostaria que eles fossem mais elétricos, porque eu gosto dessa questão de estar dialogando com os alunos, ter perguntas e respostas, discussões, enfim, eles são mais centrados, mais calados, um pouco. Diferentemente dos alunos da cidade, que são mais agitados, é outra realidade. Então são alunos em termos de disciplinar são 100%, porém existe uma outra grande diferença que é em relação à questão da desistência, né? Os alunos desistem com mais facilidades, então, no geral, basicamente, é isso. O trabalho do professor é diferente, porque ele trabalha com a questão da cultura indígena, esse fortalecimento e a valorização da cultura. Ainda em relação à primeira pergunta, a rotina ela acaba sendo diferente, porque nós fazemos atividades práticas, aonde alunos e professores participam das atividades da comunidade. Então é um outro ponto que é diferente das escolas da cidade e nós participamos também da vida social da comunidade.

Em seguida foi perguntado de que maneira a educação indígena contribui para a valorização dos povos indígenas da comunidade Raimundão I?

Gestor - A contribuição para essa questão da valorização, desde cedo, é trabalhar com esses aspectos culturais, com relação à lei, com relação à dança, da comida típica da região, comunidade indígena. E outra coisa, a participação nos movimentos. Sempre que tem os movimentos, em Boa Vista ou em outra localidade, nós costumamos levar a escola como todos os professores, alunos, para que esses alunos possam desde cedo perceber a importância de tá fortalecendo a comunidade indígena, a região, a cultura indígena como um todo. Então, a participação deles é fundamental nesse processo. Então é dessa forma que a comunidade e a escola tenta fortalecer, fazendo com que os alunos vivenciem esses momentos para que não se perca essa identidade cultural.

Para tentar entender a realidade da educação indígena, foi perguntado sobre quais as dificuldades enfrentadas no processo de educação escolar indígena:

Gestor - Entre as dificuldades que existem hoje, a nossa maior dificuldade, tanto para os alunos quanto para os professores, uma delas é a falta de um prédio escolar. Já existe um projeto para que se construa a escola estadual, mas, no entanto, até agora não saiu. A nossa escola é feita de barracões que a comunidade fizeram, barracões abertos. Então, a escola não dispõe desse prédio, entendeu? Nós temos uma estrutura boa, com professores, alguns materiais, uma APM que funciona, associação de pais e mestres, a gente costuma comprar bastante material para a escola, para fortalecer o ensino aprendizagem, mas o que mais pega no momento é essa questão da falta do prédio escolar.

Adentrando no contexto de educação remota, foi questionado quais foram as maiores dificuldades com a aplicação do ensino remoto (tanto na perspectiva do professor quanto do aluno):

Gestor- Em relação a essa dificuldade do professor, foi a questão da falta realmente do contato com os alunos nesse período, entendeu? Então os Professores, principalmente aqueles professores que não moravam dentro da comunidade, aliás, que não moram dentro da comunidade, não tinham como visitar os alunos para que se pudesse ter um contato melhor para explicar as atividades e avaliações propostas.

Sabendo-se que a realidade das escolas públicas é semelhante, tentou-se identificar alguma especificidade da realidade escolar indígena com a pergunta 'que recursos tecnológicos foram usados durante as aulas remotas?':

Gestor - Os recursos tecnológicos que nós usamos foi a questão do computador, impressora, pra gente fazer as atividades e imprimir, e tudo, e fazer com que elas chegassem até os alunos. Então em relação à questão de celulares, para mandar atividades, em algumas ocasiões até aconteceu, mas foi o mínimo, porque comunidade, até então, não tinha internet, pra todos. Na verdade, não tem para todos, porque alguns não tem internet em casa ainda, mas já depois, pós-pandemia, foi colocado uma torre lá na comunidade que melhorou essa questão do aspecto via internet, desse contato, se necessário, de acordo com as atividades de cada professor. Mas no período nós usamos foi isso, foi computador, notebook, computador da escola, dos professores, aonde eles preparavam as atividades, imprimia na escola para ser entregue aos alunos. Então esse foi o material usado durante esse processo de ensino aprendizagem de maneira a distância, não presencial.

Com a intenção de verificar se as ações realizadas pela escola foram eficientes para o ensino dos alunos, foi questionado se o uso das tecnologias digitais suprimiram as necessidades impostas pelo ensino remoto:

Gestor - Acredito que dentro da nossa realidade, eu acho que o resultado foi satisfatório, atendeu a forma como nós trabalhamos. Acabou, graças a Deus, atendendo as necessidades para que o aluno não tivesse tanto prejuízo. Porque realmente, de uma forma ou de outra, os alunos tiveram um prejuízo muito grande, mas tentamos, de certa forma, amenizar essa falta com relação ao contato com os alunos, que anteriormente era em sala de aula. Mas dentro do possível, conseguimos até alcançar um objetivo esperado, vamos dizer assim.

Em relação se os professores tiveram condições de acesso às tecnologias digitais durante o processo de ensino-aprendizagem, foi relatado que:

Gestor - É, os professores tiveram esse acesso. Alguns tinham o seu notebook, que faziam os seus trabalhos em casa, outros vinham na escola, usavam o computador da escola, computador de mesa ou notebook para preparar suas atividades. E dentro do possível, realmente os professores foram atendidos. A gente imprimia as atividades para eles e tudo. Eles não tinham essa questão do gasto, principalmente quem morava dentro da comunidade, então ele não tinha que sair para a cidade, para algum lugar, para imprimir atividades. As atividades eram impressos na própria comunidade, aonde nós recebemos material também pelo apoio da Secretaria de Educação, recebemos uma impressora, a cada mês tínhamos uma quota de papel para fazer esse trabalho.

E para entender quais alternativas foram usadas para contornar os problemas do ensino remoto e o uso das tecnologias, perguntou-se como a escola apresentou suporte àqueles alunos que não possuíam acesso às tecnologias digitais:

Gestor - É como eu falei em uma das questões anteriores da resposta. Os alunos não tinham acesso à internet naquela ocasião, mas as atividades todas eram impressas e levada aos alunos. Com o passar do tempo, que a comunidade começou a ser vacinada e tudo, os casos diminuíram. Ficou dentro de um padrão, entre aspas normal. Nós começamos uma hora ou outra, também fazer atendimento aos alunos de forma separada por turma, mas ainda de forma selecionada, explicando os conteúdos para alguns dos alunos, aqueles que moravam mais distante da escola. Aqueles que moravam perto, eles sempre passavam na escola de maneira individual, conversava com um ou outro professor para que ele pudesse ter esse suporte para não ficar tão alheio a qualquer explicação da parte do professor em relação aos conteúdos. Então, isso foi feito, esse trabalho, para que pudesse ser fortalecido o ensino aprendizagem da forma que estava no momento disposta para todos nós.

CONCLUSÃO

Apesar das conquistas dos movimentos indígenas e dos vários instrumentos de luta que garantem o direito, a cultura e a identidade de seus povos, ainda existe um descaso e resistência por parte das políticas públicas e do governo quando se trata da educação escolar indígena.

A educação escolar indígena sempre foi marcada pela precariedade na questão da infraestrutura, falta de material didático e baixo quantitativo de professores/licenciatura intercultural indígena, e com a situação pandêmica instaurada em 2020 muitos problemas foram agravados. A questão da estrutura escolar, falta de livros especializados e outros aspectos levantados no presente artigo reforçam o descaso com a educação e com os povos indígenas.

Um dos problemas evidenciados foi devido à inclusão das tecnologias digitais durante o ensino emergencial mediado por ferramentas tecnológicas e uso de rede de conexão pela internet. Na escola indígena estudada, antes e durante a pandemia, não existia uma rede de conexão pela internet e nem sinal de celular impedindo que o ensino remoto fosse executado. Em relação à comunidade indígena algumas pessoas tinham internet em casa e outros não, reforçando um problema similar à nível nacional

Por causa do distanciamento social, a gestão escolar precisou arrumar alternativas dentro da realidade da comunidade. Algumas tentativas de se usar o celular foi frustrada e, por conta disso, professores levavam as atividades xerocadas para os alunos e contavam com a participação dos pais para auxiliá-los na resolução das atividades e explicação do conteúdo.

A ferramentas tecnológicas utilizadas pelos professores foi apenas computadores e impressores para produção de material didático. Alunos que moravam distante da escola, os professores levavam as atividades; e os alunos que moravam nas proximidades da escola iam até a mesma e já tiravam as dúvidas em relação ao material.

No geral, a proposta da escola em dar continuidade no processo de ensino aprendizagem foi atendida, embora tenham tido aspectos negativos como a interrupção das atividades pedagógicas da escola e da relação presencial do professor-aluno.

Evidenciou-se que a escola faz o fortalecimento dos costumes, culturas e tradições indígenas, e que além do letramento ocorrer com o uso da língua portuguesa também usa-se a língua macuxi.

Por isso é necessário que a educação escolar indígena, além de ressaltar a interculturalidade e fazer a inclusão das tecnologias digitais a esses povos, valorize uma educação bilíngue, discuta sobre os problemas sociais do grupo, e esteja pautada numa educação específica e especializa para contribuir na autonomia desses povos, formar cidadãos críticos e atuantes, capazes de interagir entre os membros de sua comunidade e na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas. Brasília: 1998a.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: 1988b.

BRASIL. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: 1996.

BRASIL. Resolução Nº 2, de 28 de abril de 2008. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. Brasília: 2008.

CAVALCANTE, Gardênia; BORGES, Suênia. Uiramutã, pandemia e educação remota. In: Uiramutã e Educação Discussões Indigenistas. Boa Vista: Iole, 2021. 146p.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael; RIBEIRO, Elisa. A técnica do questionário na pesquisa educacional. Evidência, Araxá, vol. 7, nº 7, 251-266, 2011.

COSTA, Darlete; TRINDADE, Josiney; BEZERRA, Luiz Carlos. Educação escolar indígena e pandemia da covid-19: percepções de uma professora da “terra indígena arara da volta grande do xingu”. Revista Pedagógica, v. 24, 1-24, 2022.

DELIZOICOV, Demetrio; ANGOTTI, José; PERNAMBUCO, Marta. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011. 288p.

FERRO, Larissa; FERREIRA, Raíssa; SANTOS, Nágib; FUMES, Neiza. Educação escolar indígena e inclusiva em tempos de pandemia: reflexões a partir de matérias jornalísticas on-line. In: CONEDU VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, Maceió – Alagoas, 2020.

FIALHO, Cibele; SANTOS, Aparecida; NASCIMENTO, Elisangela. O impacto da pandemia na educação escolar indígena da Aldeia Limão Verde no município de Aquidauana, MS. Revista Tellus, n. 46, 33-52, 2021.

GOMES, Leonardo; GOMES, Iranilda. Ensino Remoto Desenvolvido em Escolas Indígenas Potiguara da Paraíba. In: V CONGRESSO SOBRE TECNOLOGIAS DA EDUCAÇÃO, João Pessoa – Paraíba, CTRL+E, 2020.

GÖTZKE, Angela; ROCHA, Jaqueline; BILESSIMO, Simone. M. S.; SILVA, Juarez. O uso das tecnologias da informação e comunicação como ferramenta de gestão do conhecimento numa escola indígena. RENOUE, v. 17, n.3, 1-10, 2019.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 118p.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176p.

MANDULÃO, Giovana; MANDULÃO, Joicilene; HOEFEL, Maria; MERCHÁN-HAMANN, Edgar; SEVERO, Denise; SANTOS, Silvéria. Projeto Vidas Paralelas Indígena: revelando os povos Macuxi e Wapixana de Roraima, Brasil. Tempus Actas de Saúde Coletiva, 63 - 70, 2012.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa. 8 ed. São Paulo:Atlas, 2017.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003. 150p.

MENDES, Simone; SENHORAS, Elói Martins. Uiramutã e educação: discussões indígenas. Boa Vista: Iole, 2021a. 146p.

MENDES, Simone; SENHORAS, Elói Martins. Educação indígena: Olhares Roraimenses. Boa Vista: Iole, 2021b. 140p.

MENDONÇA, Dener; OLIVEIRA, Ramony. Educação Indígena no Brasil (1988 a 2018). In: Estudos indigenistas no Brasil: Um tributo a Marcos Antônio Braga de Freitas. Boa Vista: Iole, 2021. 227p.

MOREIRA, José.; SCHLEMMER, Eliane Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. Revista UFG, v. 20, 1-35, 2020.

NEGRÃO, Filipe da Costa; MORHY, Priscila Eduarda; ANDRADE, Alexandra; REIS, Darianny. O ensino remoto emergencial em tempos de pandemia no Amazonas. Revista REAMEC- Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática, v.10, n. 1, 1-23, 2022.

NETO, Alaim Souza; MENDES, Geovana Lunardi. Uma epistemologia para a educação on-line. Revista Educação e Cultura contemporânea, v. 11, n. 25, 1-27, 2014.

OLIVEIRA, Raquel Mignoni; CORRÊA, Ygor; MORÉS, Andréia. Ensino remoto emergencial em tempos de COVID-19: formação docente e tecnologias digitais. Rev. Int. de Form.de Professores (RIFP), v. 5, e020028, 2020.

PAHO. Organização Pan Americana de Saúde. Folha informativa sobre o COVID-19. Disponível em:< <https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acessado em: 22 nov 2022.

RIBEIRO, Franciele dos Santos; SOUZA, Everdan da Silva. Ensino remoto emergencial em tempos de pandemia: Realidade X Utopia. Research, Society and Development, v. 11, n. 9, 1-10, 2022.

SANTOS, Márcia Dias. A educação escolar indígena na pós-modernidade. Revista Panorâmica. v.25, 1-16, 2018.

SENHORAS, Elói Martins. Estudos indigenistas do Brasil: Um tributo a Marco Antônio Braga de Freitas. Boa Vista: Iole, 2021. 227p.

SILVA, Emerson Felipe. As dificuldades da educação física em aulas remotas: a realidade nas escolas indígenas estaduais de Rio Tinto/PB. Research, Society and Development, v. 11, n. 9, 1-13, 2022.

SOUZA, Dominique Guimarães.; MIRANDA, Jean Carlos. Desafios da implementação do ensino remoto. Boletim de Conjuntura, vol. 4, n. 11, 81-89, 2020.